

## MANUEL BANDEIRA

William Shakespeare  
MACBETH

### ATO IV

*Cena I – Caverna. No centro, um caldeirão fervendo.*

*Trovão. Entram as Três Bruxas.*

1ª Bruxa. Três vezes o gato malhado miou.

2ª Bruxa. Três vezes mais uma o ouriço gemeu.

3ª Bruxa. Harpia “Já é tempo! Já é tempo!” gritou.

1ª Bruxa. Toca a lançar na panela

As substâncias da mistela.

Sapo, que a dormir te inchaste

Da peçonha que engendraste,

Serás a coisa primeira

A ferver nesta caldeira.

Todas. Borbulhe a papa ao fogacho;

Arda a brasa e espume o tacho!

2ª Bruxa. Rabo de víbora, dardo

De venenoso moscardo,

Fel de bode, unto de bicha,

Pernas de osga e lagartixa,

Asa de coruja, pêlo

De rato, olho de cobreiro

Refervam na olha do tacho

Para o feitiço do diacho.

Todas. Borbulhe a papa ao fogacho:

Arda a brasa e espume o tacho!

3ª Bruxa. Escama de drago, dente

De lobo, iscas de serpente

Paulosa, ramos de teixo

Cortados no eclipse, e um queixo

De sanioso tubarão,

Mão de rã, língua de cão,

Raiz de cicuta arrancada

Da noite pela calada,

Múmia de filha do demo,  
Bofe de judeu blasfemo,  
Beiços de mongol, focinho  
De turco, dedo mindinho  
De criancinha estrangulada  
Ao nascer, logo jogada  
Por uma rameira ao fosso  
– Tudo isso dê ponto grosso  
E força à sopa do diacho!

Todas. Borbulhe a papa ao fogacho:

Arda a brasa e espume o tacho!

2ª Bruxa. Esfriai com o sangue de um símio,  
E eis pronto o feitiço exímio!

*(Entra Hécate e diz para as bruxas:)*

Hécate. Bravo! Mestras que sois no ofício,

Partilhareis do benefício.

E agora, como elfos e fadas

Em ronda, cantai, de mãos dadas,

Ao redor da mixórdia ardente,

Embruxando cada ingrediente.

*(Sai Hécate. Ouve-se música e a  
canção “Maus espíritos da noite”:*

“Maus espíritos da noite,

Negros, brancos e cinzentos,

Bailai conosco, bailai!

Vinde todos e rabeai

Como os ventos!

Tiffy, Tiffin,

Robin, Puckey,

Vinde todos!

Bailai conosco, bailai! ”)

2ª Bruxa. Pelo comichar

Do meu polegar

Sei que deste lado

Vem vindo um malvado.

Abre-te, porta:  
A quem, não importa!

(*Entra Macbeth.*)

Macbeth. Eh, horrendas bruxas, filhas do demônio.  
Que estais fazendo?

Todas. Obra que não tem nome.

Macbeth. Eu vos conjuro, pela negra arte  
Que, como quer que fosse, conseguistes  
Aprender, respondi-me: ainda que os ventos,  
Soltos por vós, furiosos, arremetam  
Contra as igrejas; ainda que nas bravas  
Ondas soçobrem todos os navios;  
Ainda que roje o trigo já espigado,  
Desarraíquem-se as árvores; ainda  
Que desmoronem os castelos sobre  
Seus ocupantes; ainda que palácios  
E pirâmides toquem com os seus cimos  
Seus alicerces; ainda que o tesouro  
Dos gérmens naturais role em tremenda  
Balbúrdia, a ponto que se esgote estruída  
A destruição mesma – respondi-me  
Ao que vou perguntar!

1ª Bruxa. Fala.

2ª Bruxa. Interroga.

3ª Bruxa. Responderemos.

1ª Bruxa. Quererás ouvi-lo  
De nossa boca ou da de nossos mestres?

Macbeth. Da deles. Evocai-os: quero vê-los!

1ª Bruxa. Deitemos à caldeirada  
O sangue da mala porca  
Que comeu sua ninhada;  
E o unto que escorreu da forca  
Para um assassino armada.

Todas. Alto ou baixo, vem mostrar-te,  
Tu e tua mágica arte.

*(Trovão. Primeira Aparição, uma cabeça armada de capacete.)*

Macbeth. Dize-me, ó tu, poder desconhecido ...

1ª Bruxa *(Interrompendo-o.)* Ele lê em teu pensamento:  
Não fales, escuta atento.

1ª Aparição. Macbeth! Macbeth! Macbeth! Cuidado com  
Macduff! Cuidado com o Tane de Fife!  
É só: dispensai-me.

*(Desaparece.)*

Macbeth. Quem quer que sejas,  
Por tua boa advertência, obrigado.  
Presentiste o meu medo. Uma palavra  
Ainda...

1ª Bruxa *(Interrompendo-o.)* Ele não sofre ser mandado.  
Eis que outro vem, mais forte que o primeiro.

*(Trovão. Segunda Aparição, uma criança ensangüentada.)*

2ª Aparição. Macbeth! Macbeth! Macbeth!

Macbeth. Tivesse eu três ouvidos para ouvir-te!

2ª Aparição. Sé sanguinário, audaz e resoluto!  
Ri da força dos homens, pois nascido  
De mulher nenhum foi, que possa um dia  
Causar dano a Macbeth!

*(Desaparece.)*

Macbeth. Então vive, Macduff! Por que temer-te?

Mas quero pôr-me em dupla segurança:  
Não viverás! para que eu diga "Mentes!"  
Ao descorado medo, e durma a sono  
Solto, a despeito dos trovões.

*(Trovão. Terceira Aparição, uma criança coroadada, com uma árvore na mão.)*

Que é aquilo

Que, como estirpe régia, se levanta  
E na testa infantil traz a coroa  
Do poder soberano?

Todas as Bruxas. Ouve e não fales.

3ª Aparição. Sê fero como o leão. Não se te dê  
De quem conspira e onde conspira: até  
Que a floresta de Birnam não avance  
Rumo de Dunsinane e não se lance:  
Contra ti, não serás, Macbeth, vencido!  
(*Desaparece.*)

Macbeth. Tal jamais se verá! Que destemido  
Pode mandar nas árvores, fazer  
Uma floresta inteira obedecer  
Às suas ordens? Augúrios excelentes!  
Rebelião, não me mostreis os dentes  
Antes que contra mim toda não ande  
De Birnam a floresta. Até lá, o grande  
Macbeth há de reinar. Chegará ao fim  
Normal de sua vida, como assim  
O quer a natureza. Todavia,  
Pulsa-me o coração precipitado  
Por saber uma coisa: respondi-me  
(Se de tanto é capaz esta arte vossa):  
Acaso dará reis à Escócia um dia  
A progênie de Banquo?

Todas as Bruxas. Não procures  
Saber mais nada.

Macbeth. Quero saber isso!  
Se mo negais, que a maldição eterna  
Recaia sobre vós! Oh, revelai-mo!  
Por que se abisma esta caldeira? O que é  
Este rumor de música?

(*Oboés.*)

1ª Bruxa. Mostrai-vos!

2ª Bruxa. Mostrai-vos!

3ª Bruxa. Mostrai-vos!

Todas. Enchei-lhe a mente de pesar:  
Desfilai como espectros no ar!  
(*Oito reis desfilam, o último dos quais trazendo*

*na mão um espelho. Acompanha-os o espectro  
de Banquo.)*

Macbeth. Vai-te! Que és demasiado semelhante  
Ao espectro de Banquo. Essa coroa  
Fere-me os olhos. Tu, que lhe sucedes,  
Cingida a fronte de ouro, teu semblante  
É igual ao do primeiro. E este terceiro  
Semelha os outros dois. Bruxas imundas!  
Por que me mostrais isto? Um quarto? Abri-vos,  
Bem abertos, meus olhos! Porventura  
Vai esta descendência prolongar-se  
Até o Juízo Final? Outro! É mais outro!  
Um sétimo! Não quero ver mais nada!  
Todavia este, o oitavo, traz na destra  
Um espelho, que me mostra muitos outros,  
Alguns dos quais tendo nas mãos dois orbes  
E três cetros. Horrível espetáculo!  
Agora vejo que é verdade: Banquo,  
Empastados de sangue os seus cabelos,  
Me sorri, apontando-me com o dedo  
Seus descendentes... *(Desvanecem-se as aparições.)*  
Quê! Será assim mesmo?

1ª Bruxa. Sim, será! Mas por que motivo  
Está o grande rei apreensivo?  
Vinde, vinde, irmãs, alegrá-lo.  
Dai-lhe o nosso melhor regalo,  
Bailando ao som de doces árias  
Nossas rondas vivas e várias.  
E assim em nós ele possa ver  
A delícia de o receber!

*(Música. As bruxas dançam e  
desaparecem com Hécate.)*

Macbeth. Onde estão elas? Foram-se! Maldita  
Seja esta hora funesta para sempre  
No calendário!

– Entre quem está lá fora!  
(*Entra Lennox.*)

Lennox. Que desejais, Alteza?

Macbeth. Acaso vistes

Essas irmãs sinistras?

Lennox. Não, Alteza.

Macbeth. Não cruzaram convosco?

Lennox. Na verdade,

Não, meu senhor.

Macbeth. Inficionado seja

O ar que elas atravessem! E maldito

Quem quer que nelas creia! – Ouvi galope

De cavalos... Alguma novidade?

Lennox. Chegaram mensageiros com a notícia

De que Macduff fugiu para a Inglaterra.

Macbeth. Fugiu para a Inglaterra?

Lennox. Com efeito,

Meu bom senhor.

Macbeth. Ó tempo, que antecipas

Meus terríveis projetos! O volúvel

Desígnio não será nunca alcançado

Se a ação não o acompanha. Desde agora

Andem sempre acertados os primeiros

Impulsos de minh'alma com os de minha

Mão. E por conseguinte, coroando

Meus pensamentos com a ação, pensado

Seja e logo cumprido: agora mesmo

Cairei sobre o castelo de Macduff,

Tomarei Fife e passarei a fio

De espada sua esposa, seus filhinhos

E quantos tenham a infelicidade

De ser de sua gente. Nada adianta

Bravatear como um louco. Agirei presto,

Antes que o meu propósito arrefeça.

Mas nada de visões! Onde ficaram

Esses senhores? Vinde, conduzi-me  
Aonde eles estão.

(*Saem.*)

*In Shakespeare, W., Macbeth. Trad. de Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1961.*

Pierre de Ronsard  
SONETO

Foi para vós que ontem colhi, senhora,  
Este ramo de flores que ora envio.  
Não no houvesse colhido, e o vento e o frio  
Tê-las-iam crestado antes da aurora.

Meditai nesse exemplo, que se agora  
Não sei mais do que o vosso outro macio  
Rosto nem boca de melhor feitio,  
A tudo a idade altera sem demora.

Senhora, o tempo foge ... O tempo foge ...  
Um dia morreremos, e amanhã  
Já não seremos o que somos hoje ...

Por que é que o vosso coração hesita?  
O tempo foge... A vida é breve e é vã...  
Por isso... amai-me... enquanto sois bonita.

John Donne  
POR QUEM OS SINOS DOBRAM

Talvez aquele por quem o sino dobra esteja tão doente que não perceba que é por ele e, talvez eu, por minha parte, me julgue muito melhor do que estou, e os que me cercam e vêm o meu estado tenham mandado dobrar por mim, e eu não tenha conhecimento disso.

A Igreja é católica, universal, e assim são também todos os seus atos: tudo o que ela faz, pertence a todos. Quando batiza uma criança, esse ato me concerne; pois essa criança é por meio dele ligada àquela cabeça que é também a minha cabeça, e enxertada naquele corpo, de que sou membro, e quando ela sepulta alguém, esse ato me concerne, todo gênero humano é obra de um só autor, e forma um só volume; uma pessoa que morre não é um capítulo arrancado do livro, e sim um capítulo traduzido para melhor idioma; e todos eles têm de ser traduzidos da mesma maneira; Deus emprega vários tradutores: uns trechos são traduzidos pela Velhice, outras pela Doença, estes pela Guerra, aqueles pela Justiça, mas a mão de Deus está em todas as traduções; e a mão dele há de reencadernar todas as nossas folhas soltas. Do mesmo modo que o sino que chama para um sermão, não chama apenas o pregador, mas toda a congregação; assim este sino chama por nós todos: e quanto mais por mim, a quem a doença pôs às portas da morte.

.....

Quem não presta ouvidos ao badalar de um sino, qualquer que seja o motivo dessas badaladas? Mas quem de nós pode distraí-los daquele sino que traspassa um pedaço de nós mesmos para fora deste mundo?

Pessoa nenhuma é uma ilha; qualquer um de nós é uma parte de continente, uma parte de terra firme; se o torrão é arrebatado pelo mar, a Europa fica menor, como se fosse uma morada de seus amigos ou sua própria morada; a morte de qualquer semelhante deixa-me diminuído, porque eu estou integrado no gênero humano, e por isso nunca mandes saber por quem o sino dobra; é por ti que ele dobra.